

1 ANÁLISE DISCURSIVA DO TELECURSO 2000 - O MÓDULO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A presente análise se insere no âmbito das pesquisas sobre o emprego da teleaula no ensino. Para tanto, elegemos analisar um material exemplar, que é o Telecurso 2000, por ser essa uma produção brasileira, da iniciativa privada, pioneira, na área de educação a distância (EaD), de ensino fundamental, médio e técnico.

Além disso, por ser uma produção veiculada e difundida pela maior rede de comunicação do país, a rede Globo, caracterizando-se como um dos projetos de maior alcance de telensino no Brasil. Sendo que o conceito de teleducação que aqui assumiremos é aquele também adotado pela OEA (Organização dos Estados Americanos), que significa “o que abrange atualmente toda e qualquer atividade educativa por rádio, TV e outros meios audiovisuais a distância (reforçando o emprego do prefixo *tele* significando longe)” (NISKIER, p.163). Neste trabalho estaremos analisando a produção televisiva, do módulo de língua portuguesa para o primeiro grau.

O Telecurso 2000 foi desenvolvido na última década do século XX, mas sua primeira formulação aconteceu ainda nos anos de 1970, com o nome Telecurso de 2º Grau. Assim, o Telecurso 2000 tem como contexto imediato o Brasil com regime democrático com abertura de política e de mercado, mas em contexto amplo está para o Brasil do regime autoritário, de ditadura, ancorado pela memória do Telecurso de 2º Grau.

As instituições que viabilizam o projeto são instituições ligadas à mídia (FRM, Rede Globo) e ao sistema econômico (Sistema Fiesp), sendo os sujeitos realizadores do Telecurso 2000 contratados pela iniciativa privada, que têm em vista fazer o “produto” circular em veículos de comunicação da Rede Globo (o material de

TV pela Globo, e o material impresso pela Editora Globo). Há uma equipe de especialistas, professores, consultores ligados à escola tradicional envolvida no processo de produção (escolha dos conteúdos, materiais de referência para a elaboração dos roteiros), bem como na avaliação do telealuno (realizada por meio das Secretarias Estaduais de Educação) que dá sustentação ao discurso pedagógico. Mas esses sujeitos além de marcarem o texto com textualidades originárias do discurso pedagógico, são determinados pelo modo de produção da mídia. Sendo todo o processo de produção e circulação de sentido, do Telecurso 2000, legitimado pelo Estado, quando da avaliação realizada pelas Secretarias Estaduais de Educação, para a emissão dos diplomas de conclusão de curso.

Dadas essas condições, é possível dizer que o Estado está situado nesse contexto, apenas como uma instância burocrática necessária para a finalização do processo. Dizemos isso, porque, o Estado não é atuante na elaboração ou concepção do conteúdo, vindo a ser apenas uma instância legitimadora, por ser o Estado, a única instituição que pode emitir diplomas de conclusão na área da educação. Desta forma, o Estado é a única instância que pode legitimar o Telecurso 2000 como um curso que forma e não apenas capacita, pois o sujeito que acompanha o Telecurso 2000 é avaliado em uma Instituição Escolar.

A FRM por sua vez, se inscreve como instituição social comprometida com a educação, por ser uma fundação sem fins lucrativos que em sua missão publicada no sítio www.frm.org.br se diz preocupada com a educação no Brasil, leva ainda o nome do fundador da rede Globo e que se anuncia com o slogan “aqui a gente se vê”. Apaga desta forma sua relação direta com as instâncias de poder e controle social. No entanto, o funcionamento autoritário desse discurso materializa histórias de dependências e favoritismos mútuos, por ser a Fundação criada durante a ditadura, em 1977. As marcas “permanecem” no sujeito enunciador, Telecurso 2000, originário dessa condição histórica, social e ideológica, que na teleaula a partir da escrita

apresenta-se com uma provocação ao interlocutor (sujeito ouvinte/ideal, telespectador) utilizando os seguintes dizeres: quem tem medo de dicionário? Conte uma história, fala cidadão!!! O sujeito enunciador se vale do discurso interrogativo e impositivo para se apresentar, com características pertencentes aos sentidos autoritários (que pode ser empregado tanto pelo pedagógico quanto pela mídia), ao mesmo tempo evidencia um efeito-autor nos termos de Gallo (1995), por ser uma articulação nova dos discursos pedagógico e mídia, juntos.

O uso da palavra medo também se destaca no dizer. Por que usar a palavra medo? Com tantas outras possíveis como: quem gosta de dicionário? Quem usa dicionário? O fascinante dicionário... Devemos analisar o que não foi dito no seu lugar, porque a escolha da palavra, faz o sujeito se inserir numa FD dada, que no caso não está inscrita em um discurso pedagógico que é polêmico ou lúdico. Medo de dicionário remete ao DP no qual o sujeito “não” sabe o significado das palavras e “deve” recorrer ao dicionário. O medo é próprio da dominação. O termo também pode ser empregado no sentido de negar algo que está no pré-construído, que é esse sentido de dominação, oferecendo um sentido de intimidade. Afinal, quem não tem medo na escola? Mas, ainda assim, representa medo.

Sendo o medo a arma de Estado, fazendo uso da citação feita por Orlandi na apresentação de segunda-feira, no caso do Brasil esse medo se constitui “não por esvaziamento do Estado, mas pela falta do Estado” (2007).

O resultado é que essa forma aparentemente inovadora, de teleaula, conserva os sentidos que continuam garantindo o “*status quo*”, pelo seu modo de funcionamento. Isso não poderia ser garantido por um funcionamento polêmico ou lúdico do discurso, a partir do qual não se tem controle dos efeitos de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre, ed. L&PM, 1982.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 7ª edição - São Paulo, SP : Cortez, 1997.

DEMO, Pedro. **Questões para a teleducação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. tradução: Beatriz Affonso Neves, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 a.

----- **Vídeo e educação**. tradução: Juan Acuña Llorens, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 b.

FREIXO, Manuel João Vaz. **A televisão e a instituição escolar**. Coleção: Epistemologia e Sociedade. Ed. Instituto Piaget, Lisboa, Portugal, 2002.

GADET, Françoise e HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso - Uma introdução à obra de Michel Pêcheux** – [Organizado por] : tradução, Bhetania S. Mariani, Eni Pulcinelli Orlandi, Jonas de^a Romualdo, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves, Maria^a B. de Matos, Péricles Cunha, Silvana Mabel Serrani e Suzy Lagazzi, Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1997.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**: 2ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP (Coleção Momentos), 1995.

GREGOLIN, M. do Rosário e BARONAS, Roberto. **Análise do discurso: as materialidades do sentido/** [Organizado por] . 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2003 a.

GREGOLIN, M. do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**/ [Organizado por]. São Carlos: Claraluz, 2003 b.

GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**/ [Organizado por] – Campinas, SP, ed. Pontes, 2001.

ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

LIMA, Venício A. **Mídia – Teoria e Política**. São Paulo – SP. Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIMA, Venício A. e CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação e Televisão – desafios da pós-globalização**. São Paulo – SP. Editora Hacker, 2004.

LITWIN, Edith. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**/ [Organizado por], tradução; Fátima Murad – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MATTOS, Sérgio S. **História da televisão brasileira – uma visão econômica, social e política**. Petrópolis, ed. Vozes, 2ª ed, 2002.

NISKIER, Arnaldo. **Educação à Distância**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso** ed. - Campinas, SP: Pontes, 1995.

-----**A linguagem e seu funcionamento, as formas do discurso** - 4ª ed. - Campinas, SP: Pontes, 2001 a.

-----**Discurso e texto, formulação e circulação dos sentidos** - Campinas, SP: Pontes, 2001 b.

-----**Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2ª ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

-----**Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas**/ [Organizado por Eni P. Orlandi, Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 2002.

----- **Gestos de leitura - da história no discurso/** [Organizado por Eni P. Orlandi, [et al.]]- tradução: Bethânia S C. Mariani [et al.] - Campinas, SP: Pontes, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Odiscurso – estrutura ou acontecimento.** tradução: Eni Pulcinelli Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

----- **Papel da memória.** In: ACHARD, Pierre. tradução: José Horta Nunes. 4. Memória. Campinas, SP: Pontes, 1999.

----- **Semântica e discurso - Uma crítica à afirmação do óbvio :**
tradução Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani, Campina, SP: Ed. Esgotada, 1988.